



POR ANDRÉ
GUSTAVO STUMPF

stumpf@correioweb.com.br

O vencedor

A senadora Heloisa Helena mostrou seu voto para os fotógrafos ao lado da cabine indevassável. Mais diretos, os senadores Roberto Freire e Paulo Hartung revelaram no microfone sua intenção. Um votou em Ramez Tebet e outro em branco. Começou assim o filme de entronização do novo presidente do Senado Federal, a casa que foi sacudida pelos mais violentos debates nos últimos dois anos.

A solenidade de ontem foi calma. Só havia um candidato. O advogado Ramez Tebet, nascido em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, que se notabilizou por presidir com correção o Conselho de Ética durante os processos que resultaram na cassação de Luiz Estevão e na renúncia de Antonio Carlos Magalhães e José Roberto Arruda. O PMDB, seu partido, não encontrou o consenso. Foi escolha difícil que provocou rugas para todos os lados.

Em verdade, a vitória foi de Fernando Henrique Cardoso. Ele, que escolheu pessoalmente Aécio Neves, na Câmara, e havia jogado suas fichas em Jader Barbalho, tornou a intervir. Não queria um José Sarney muito desembaraçado e pai da presidenciável do PFL, Roseana. Renan Calheiros seria uma espécie de continuação de Jader com outro nome. E José Fogaça não pertence à corrente majoritária do partido. O ex-ministro Ramez Tebet, de origem libanesa, preencheu os requisitos. No Senado, os árabes estão ganhando.

A crise está aparentemente solucionada. Na superfície, talvez. Mas as vítimas se contam pelas bancadas. Ramez Tebet teve o mesmo número de votos atribuído a Jader Barbalho, 41. Maioria absoluta. O mesmo esquema se repetiu. É a aliança do PMDB com o PSDB. Há um ou outro transfuga. Mas o eixo é este. O PFL, de novo, ficou de fora. Na eleição anterior apoiou Arlindo Porto, do PTB, agora votou em branco. O bloco de oposição não sufragou o nome do novo presidente da Casa.

O Senado está paralisado há vários meses. Falta material e equipamento básico. E o debate político tem girado em torno dos desdobramentos de sucessivas investigações de uns e outros. Só prosperaram na Casa os temas objeto de pressão do governo. Os grandes debates sobre a atualidade brasileira e internacional ainda não ocorreram. A briga ACM versus Jader derrubou os dois. Provocou feridos e atingiu, como bala perdida, Arruda, o senador brasiliense. Ninguém tirou proveito. Exceto o presidente da República que consolidou o controle sobre o Congresso e conseguiu evitar que a oposição montasse a CPI da Corrupção. Ele é o grande vencedor desta longa e tenebrosa controvérsia.

Esta coluna circula de quarta a sábado